A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 44 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

LISBOA DO SECULO XX

O gigantesco avião Juncker"s chega amanhã

Este famoso avião que é um dos melhores e mais comodos exemplares do mundo, vai fixar-se em Lisboa. Toda a cidade vai voar, com segurança, sobre a terra portugueza, mum sonho de Julio Verne!

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 44

LISBOA 15 DE NOVEMBRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

André Brun

O EMINENTE E POPULAR HUMORISTA PORTUGUÊS, CUJO ESPIRITO CHEIO DE VERVE É SEMPRE UMA GARANTIA DE SUCESSO, VEM PARA O NOSSO JORNAL.

Dentro de breves dias Andrè Brun, que apenas uma enfermidade passageira tem impossibilitado de colaborar no nosso jornal, virá darnos a sua colaboração.

Ler de futuro *O Domingo ilustrado* será pois, além de tudo, cavaquear um pedaço com o mais engraçado dos jornalistas portugueses.

Estupidez!

Alguem escreve a um jornal republicano protestando indignado contra o facto alarmante dos pobres tuberculosos do Sanatorio Sousa Martins, se darem ao luxo de ouvir missa.

E conclue—missa num sanatorio do Estado!? Fazem favor de punir já o director.

E' este o livre-pensamento dos patetas-alegres da Republica.

Os homens de coração liberal e de livre pensamento, esses não cuidam de interferir nos conflictos politicos ou religiosos dos pobres tuberculosos—agora os rafeiros do regime esses são capazes de perseguir os mortos!

O «Disco» das eleições

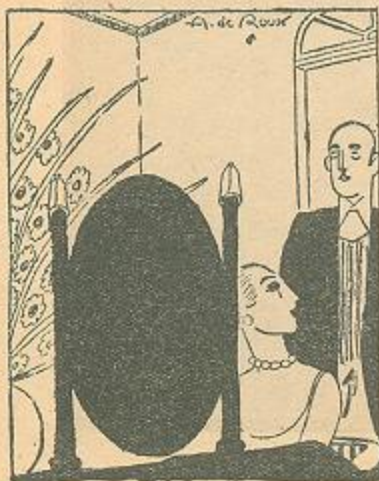
Quem tiver paciencia para recorrer as coleções dos jornais antigos verá que este «film» comico das eleições se repete de ha muito, sempre divido em tres partes.

1.ª parte. Palavras do presidente do ministerio: As eleições mais livres. O sufragio será genuino, tomei todas as providencias para que se respeite a liberdade dos cidadãos, afim de cumprirem o mais sagrado dos deveres civicos! Viva a Patria!

2.ª parte. Palavras dos deputados da maioria: Estou muito contente com as eleições que correram na melhor ordem. A supremacia do meu partido fez-se sentir como era natural. Lisboa é a cidade mais (republicana, monarquica, socialista ou bolchevista) do mundo! Mais uma vez se provou a *capacidade politica* do meu partido. Viva a Patria!

3.ª Palavras do chefe do partido que perdeu: Não ha memoria da mais vergonhosa roubalheira! Paiz de cafres e de ladrões. Foram tiros, bombas, chapeladas e «carneiro com batatas»! De todas as armas se serviram para nos roubarem. Mais do que nunca o meu partido ficou moralmente vencedor!

As tropelias cometidas são a demonstração da fraqueza dos adversarios...

Desgraçado paiz nas mãos de salteadores! Viva a Patria!

Má lingua

AS URNAS...

Pela primeira vez,—era menor
quando se deu a ultima eleição...—
fui cumprir meus deveres de eleitor
no antro apavorador de uma «Secção».

Um fato velho, a barba por fazer,
um ar avelhacado e antipathico,
—de tudo usei para me parecer
com qualquer conceituado democrático;

mas a despeito dessas malas-artes
cuidei desfallecer pelo caminho;
—na tremura das pernas, e mais partes,
não me ganhava o proprio «Tremidinho».

Demais a mais as ordens... do destino
nuncam deixam de ser executadas,
e sendo candidato o Bernardino
tinha que haver por força... chapeladas.

Vejam lá se uma duzia de marmanjos,
desrespeitando cidadãos idóneos,
não foi de camionete até aos Anjos
armar um sarrabulho dos demónios!

Nem admira... Na imprensa da nação
cada partido berra a sua birra
na mais atrabiliaria damnação,
que a pouco e pouco os animos acirra;

porisso todos nótam como eu nóto
—não sei de descalabro mais complèto!—
que os cidadãos vão exercer o vóto
e acham pistólas a exercer o véto;

porisso nesta fita de eleições
uma atmosphera plumbea nos suffóca
e a gente affirma as suas convicções
pondo um olho na urna, outro na móca.

Todo o conservador que vae ás urnas
vence um panico enorme que o corrôe,
vence cem mil apprehenções soturnas,
sente-se,—e com rasão!—quasi um heroe.

. . . .

As urnas! que esquisitas que ellas são!
Duas panelas avidas e crueis,
cujos bôjos vazios de expressão
se transformam em cestos de papeis...

Junto desses caldeiros imponentes
diz Satanaz, (que ha muito os inventou):
—«Se se me dá cosinho um presidente
como Vatel faria um tourne-dos».—

E a multidão de «silvas» e de «costas»
que acompanha Satan no seu intento,
nessas panellas vae cosendo as «postas»
que se servem á meza do orçamento...

Tal roubalheira faz que Portugal
possa ter, como tétrico apanagio,
o de, pelo ex-suffragio «universal»
resar algumas missas de suffragio.

Foi—A Burla—o carrasco. O cangalheiro,
foi... um certo Domingos de arte-nóva;
pegou ás borlas o paiz inteiro,
e houve comédia de caixão á cóva!

Por mim, que ainda cria na pureza
de uma engrenagem constitucional,
voltei desiludido, ante a torpeza
de uma enganhifa tão phenomenal.

Nos destempêros desta bambochata
sempre—A Opinião—terá destino inglório:
—ser cosinhada em caldeirões de láta
arrancada ás parêdes de um mictório!

TAÇO

questão prévia

A cronica encontra-se em presença de tres assuntos que tiveram na atenção publica o devido destaque: o raid hipico, as eleições e a repressão dos mal-criados e hesita, naturalmente, sem saber sobre qual dos tres deva deitar, á maneira de croque, a respectiva pena, puxando-o para a publicidade destas colunas. A cronica, que—modestia aparte—se tem na conta de inteligente, sente-se na presente conjuntura burro de Buridan, em mais embaraçosa situação talvez, porque a simpatica alimaria só tinha de pronunciar-se por uma de duas rações e a cronica tem de escolher um entre tres assuntos.

Bem considerando, afinal, a cronica vem a resolver que se acha em presença de tres temas distintos e n'um só assunto verdadeiro, porque entre eleições, raid hipico e licenciosidade de expressões na via publica, ha uma intima relação que torna solidarios estes tres aspectos, dando-lhes a unidade que requere um motivo para debicar.

Ora, vejam os senhores, quantos pontos de contacto ha entre os tres casos:

O que é um raid hipico, senão a eleição dum cavalo entre os seus semelhantes, candidatos ao premio?

O que são as eleições, senão um raid, em que cada um dos candidatos procura atingir a meta da votação primeiro que os outros?

O que são aqueles cavalheiros que na rua dirigem obscenidades ás senhoras, senão umas cavalgaduras? E os julgamentos a que estão sendo submetidos os desbocados, o que são, senão uma distribuição de premios aos vencedores do raid da má criação ou a eleição dos mais distintos grosseirões que a cidade alberga?

* * *

Em regra o português é desbocado, não só o português inculto, que tem a educação da rua e da taberna, mas tambem o que usa colarinho, gravata e um diploma de exame em qualquer escola. As palavras e expressões obscenas são tão queridas na linguagem falada, que imutavelmente as temos conservado na sua maioria, desde os tempos em que a lingua era ainda barbara e informe. Ha no Cancioneiro do Vaticano cantigas de mal dizer, cujos versos encerram palavras obscenas que são hoje repetidas, textualmente, nas ruas das cidades e nos caminhos das aldeias. Não sei de outros povos, com excepção do nosso e do vizinho espanhol, em que a palavra obscena sirva para exprimir, alem da sua propriedade intrinseca, os sentimentos de admiração, de entusiasmo e até de carinho.

Em Lisboa e no Porto, meios culturais mais importantes do país, fala-se mal correntemente em todos os lugares publicos e sem qualquer especie de consideração pelos ouvidos e pelo pudor alheios. Em Lisboa fala-se mal com desplante, no Porto com ingenuidade. O emprego dos mais rascantes palavrões é para os portuenses uma forma de expressão quasi natural, de que até mulheres e crianças se servem para dizer as coisas mais inocentes. A este paradoxo estão tentando tambem as autoridades policiais do Porto pôr cobro, mas, apesar de toda a boa diligencia empregada, vão lá evitar que se repitam scenas como esta, a que alguem assistiu, á porta dum estabelecimento, n'uma rua central da capital do norte:

Numa «étalage» magnifica de frutos, destacava um açafate de pecegos apetitosos, daqueles pecegos do Douro que de ouro parecem feitos. Admirando a excelencia dos frutos e aguando com o seu perfume, estacára em frente da porta um grupo que parecia desenhado por Poulbot, o caricaturista dos miudos: uma pequenita de seis anos, e um rapazito de sete ou oito, tendo ao meio um garotinho que ainda nem ha quatro anos andaria neste mundo, descalços os tres e cada um dentando o seu pedaço de borôa. Os dois mais velhos deleitavam-se na contemplação dos pecegos e cada um aventava a sua hipotese gulosa:

—Olha, eu comia aquele!—apontava a petiza.

—O de cima?—inquiria o rapazote.—Pois eu comia mas era aquele grande, que está cá em baixo.

—E o outro, que tem menos folhinhas...

—E aquele, tão amarelinho...

E neste «comias tu, comia eu» se detinham, até que o mais pequenino, impacientado, tirando a borôa da boca interveiu, decisivo:

—Caramba!...—Eu comia-os todos!...

Simplesmente este espanholado «caramba», que eu aqui empreguei, por decôro, o substituiu o petiz por uma palavra obscena tão corrente—tão corrente que ela mesma parece correr por si.

FORTE TEIMA

—O senhor manda perguntar se a senhora já está pronta!
—Outra vez? Não lhe estou dizendo ha uma hora que não me demoro cinco minutos!?

ECOS

Os Monumentos politicos

França Borges, jornalista sincero e veemente da Republica acaba de ter um monumento inaugurado á Praça do Rio de Janeiro.

E' uma feia composição onde apenas se salva a figura duma mulher, lançada com elegancia para o busto do pamfletario de «O Mundo».

Achamos bem que os republicanos fixem na relativa eternidade do marmore os apostolos do seu ideal. Mas achamos tambem que tantas grandes figuras de idealismos largos e mais humanos—o da Arte, o da Sciencia e o do Trabalho—deviam ter a preferencia. Quantas personalidades eminentes que a Historia não esquece, ficam apenas nos livros—ao passo que este jornalista, que viveu num periodo sobre o qual, mais tarde a Historia, aborrecida, ha-de bocejar—teve já a glorificação objectiva duma memoria publica.

Os artistas e o parlamento

Poucos são os nossos parlamentares que mereçam aos artistas portuguezes sombra de confiança para qualquer reclamação das respectivas carreiras.

Apontando o sr. Julio Dantas, que se tem interessado pelas coisas d'arte, do sr. Vasco Borges e do sr. João Camoezas que tem uma cultura moderna—poucos restam.

Desta vez foi eleito o sr. Alfredo Guizado. E' um literato e um artista moderno. Fará ele alguma coisa de proveitoso para os artistas nacionais—que o mesmo é dizer, para a civilisação portuguesa de hoje?

PARA A PRIMEIRA VEZ

Desculpe V. não ter ido ao seu casamento. Mas para a primeira não me escapa...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

A VINGANÇA DO MORTO

ABRIU os olhos estremunhado num grande entorpecimento cerebral numa inconsciencia compléta; durante uns segundos não conseguiu que a sua memoria, como que adormemecida, funcionasse normalmente. — Onde estáva? O que se tinha passado? Era dia? Era noite? Não via náda.

Estava deitado de costas e só depois de afastar o lençol, que certamente durante o sono lhe caira sobre o rosto, descobriu atonito as chamas de 2 velas, uma de cada lado da sua cabeceira.

Cerrou as palpebras, esfregou os olhos; olhou melhor.

Mas não eram velas, eram 2 tochas altas, funebres. Ergueu-se num repelão e, sentado, olhou com pasmo crescente e depois com verdadeiro horror, em volta de si.

Estava dentro d'uma urna, e todo o arranjo funebre que descobriu em redor, o apavorou a ponto de sentir que os sentidos lhe enfraqueciam, diminuiam de novo, pouco a pouco, como se a vida lhe fosse a desaparecer.

Com um grande esforço conseguiu dominar-se, reagir; e, mais calmo, poude contemplar melhor tudo o que o rodeava.

Era noite. Junto da urna onde estava sentado, um vulto dormia. Mas que se teria passado? Porque estaria ali? Decerto o tinham suposto morto. Talvez um daqueles sonos catalepticos, de tão tragicas consequencias, o tivesse lançado naquela urna que ele olhava de olhos esgazeados, e a que, aterrado, se sentia como que preso ainda.

Por fim conseguiu desembaraçar-se do torpor que lhe enregelava os membros e lhe prendia os movimentos, como se parte do seu corpo, estivesse sofrendo ainda os efeitos daquele terrivel sono em que estivera mergulhado.

Saiu do esquife. Reconheceu no vulto que dormia profundamente, seu sobrinho, o seu unico herdeiro, aquele a quem legára toda a sua fortuna, porque o o considerava o seu mais dedicado parente.

Ultimamente, porém, varias coisas o tinham feito duvidar da sua amisade.

E se ele agora se certificasse?

Olhou em volta e com gestos rapidos, no receio de que alguem viesse ou que o sobrinho despertasse, pôz em execução o plano que ali mesmo rapidamente concebeu.

Tirou da cama que estava ao canto do aposento, o travesseiro e as almofadas que colocou dentro da urna em substituição do seu corpo, envolvendo-os no lençol que lhe servira de mortalha.

Depois tirou do seu proprio guarda-fato um sobretudo escuro em que se embrulhou; envolveu parte do rosto num cache-col; sentou-se numa cadeira, a um canto, perto da entrada do quarto e, curvando-se, com um lenço nos olhos em atitude de comovido pranto, ficou como que carpindo a sua propria morte.

Começava amanhecendo. Pouco depois começaram a entrar no quarto algumas das pessoas que o sono surpreendera durante a noite pelos varios cantos da casa, e que os primeiros ruidos da manhã tinham despertado.

Seu sobrinho despertou tambem ao ruido dos recemchegados. Esfregou as mãos, sacudiu os membros entorpecidos e saiu do aposento sem olhar para o ataúde.

Bateram. Alguem abriu a porta e pouco depois entrava um homem com uma láta e varias ferramentas.

Todos se retiraram como que emocionados pela sua presença.

Ele então despiu o casaco, abriu a láta e olhando o ex-morto que se deixara ficar, disse sorrindo:

—Cantigas; fingem-se comovidos com a minha presença. Se a comoção fosse sincera, se o facto de verem soldar o caixão e fechar a urna, os impressionasse, por serem assim mais depressa privados da contemplação do morto, não me tinham mandado vir já. A mim já não me intrujam; tenho visto muito. Ao menos o Senhor não quiz presumir como êles. Impostores! Se lhes custava este bocado, porque me mandaram vir tão cedo? Não lhe parece?

Então o interpelado certo de que não fôra reconhecido, perguntou:

—Mas porque acha cedo?

—Ora essa; então o homem morreu hontem ás 3 da tarde e são apenas 6 da manhã!! Para as 24 horas ainda falta um bocadinho.

—Mas n'esse caso porque veiu já?

—Bem se vê que o Sr. não é da familia. Naturalmente tanto lhe faz que o morto vá mais cedo, como mais tarde! Não lhe deixou nada decerto. E, por isso, não tem pressa de o ver pela porta fóra. Bem me quiz parecer quando o vi chorar que se tratava d'um amigo verdadeiro...

—O maior amigo, creia...

—Ora eu logo vi!...

—Mas afinal quem o mandou vir a esta hora?

—Parece que um parente; sobrinho ou coisa que o valha. Pediu-me muito que viesse cedo para acabar com isto depressa. E estava radiante, o sujeito. Olhe, esse nem teve coragem para compôr o ar das visitas de pezames. Não admira, disseram-me depois que é ele o herdeiro. A vida é isto meu caro Senhor. Olhe eu ao menos, quando morrer, não darei tristezas, mas tambem tenho a consolação de não dar alegria a ninguem. Não deixo nada...

O trabalho terminára. O homem guardou as ferramentas e saiu. Então, olhando a urna, sentiu um calafrio ao pensar que por uns curtos minutos teria entrado á força e irremediavelmente na eternidade. Mas entrava gente. E ele tapando os olhos como que a reprimir os soluços, passou a outro aposento.

Momentos depois saia o enterro e ele aproveitando a confusão do momento e conhecendo bem os cantos á casa, dirigiu-se para o seu escritorio e sentou-se atraz dum biombo que ocultava uma porta sem serventia. Esperou. Como calculára, esperou pouco.

Seu sobrinho, o seu unico herdeiro, entrou fechando a porta sobre si. Com um ar de satisfação olhou em volta, e, puxando do bolso um molho de chaves, dirigiu-se para o cofre colocado ao fundo do aposento.

Abriu-o e com um suspiro de alegria contemplou o seu conteudo.

—Até que emfim, disse; e começou transportando os papeis, os massos de notas e emfim todos os valores que o enchiam completamente, para cima duma meza, colocada em frente do biombo.

Depois sentou-se; esfregou as mãos num ar ditoso, feliz; mas quando depois de abrir o primeiro masso se dispunha a contar as notas que o mesmo continha, o biombo afastou-se bruscamente e seu tio disse num ar muito severo:

—Inutil esse trabalho, eu sei bem quanto tenho.

Caiu fulminado, sem uma palavra. O tio transportou-o para o quarto contiguo, colocou-o sobre a cama, estendido, na mesma atitude, em que ele proprio, pouco antes estivera. E como a casa ficára deserta, poude á vontade dispor tudo em volta do leito como se de facto se tratásse dum cadaver.

Cruzou-lhe as mãos; cobriu-o com um lençol, deixando-lhe apenas o rosto descoberto; colocou depois duas velas á cabeceira, uma de cada lado, e sentando-se numa cadeira junto da cama, esperou.

Finalmente, o desmaiado abriu os olhos pouco a pouco e quando depois de olhar espantado, as velas, o aposento, a mortalha, fixou aterrado num grande pavor o rosto do tio, este começou dizendo: Não deves admirar-te. Cumpro um simples dever de cortezia. Amor com amor se pága...

Mas uma sincope fulminante, imobilisára-o já, para sempre...

AUGUSTO CUNHA

SIMPLIFICAÇÃO

A FREGUEZA: — Então mandei pedir uma duzia de maçãs e o senhor manda-me dez?
O CAIXEIRO: — Tem razão; mas é que duas estavam tão podres que nem valia a pena mandar-lh'as...

LER NO PROXIMO NUMERO

ADMIRAVEL NOVELA SENTIMENTAL PELO

SENSACIONAL COLABORAÇÃO HUMORISTICA INÉDITA DE

André Brun

AS GRANDES DECISÕES

O SALVADOR: — Não tenha medo! Ate essa corda á cintura e estará salvo!

O II RAID HIPICO

ALGUNS COMENTARIOS
DO CONCORRENTE N.º 40

Do concorrente n.º 40 do II Raid Hipico promovido pelo nosso colega «Diario de Noticias» e que tanto exito no publico obteve, recebemos com varios comentarios á organisação desse circuito, um extenso artigo. E' sabida a nossa atitude de franca e leal camaradagem e a nossa indepencia de opinião. Este jornal não entra em campanhas.

O nosso presado colega, serviu-se naturalmente, para a organisação da grande prova de individualidades tecnicas de reconhecido merito.

Se algumas deficiencias houve, elas não foram de molde a tirar o brilho e o interesse verdadeiramente geral que o acontecimento tomou em todo o paiz.

Os pontos capitaes do extenso artigo que está na nossa redação são os seguintes: Falta de enfermagem hípica. Diferenças na kilometragem oficial. Velocidade uniforme das étapes. Alteração da marcha regulamentar na étape Mirandela-Bragança, alteração que os outros concorrentes ignoravam.

Concluí o concorrente n.º 40:

Mas como nem tudo poderia ser digno de censura, o famoso raid, comprovou mais uma vez o formidavel valor dos nossos cavaleiros, dos quaes destacaremos sem favor o civil José Tanganho e o capitão Rogerio Tavares.

A lucta que se estabeleceu no final da prova entre os dois citádos concorrentes, foi qualquer coisa de emocionante, diremos mesmo, de tragico.

Tanganho, adótando na nossa opinião, tactica de fracos resultados, produziu até ás Caldas da Rainha um esforço consideravel, ganhando assim um enorme avanço, que lhe permitisse terminar á vontade os ultimos kilometros da prova.

Rogerio Tavares, pelo contrario preferiu manter uma boa marcha, sem grandes excessos, de modo a poder embalar na ultima parte do trajecto.

Identicamente ao que sucede em qualquer corrida atletica, desde que dois concorrentes adótem tacticas similhantes ás indicadas, o capitão Rogerio Tavares recuperou com facilidade o terreno perdido de inicio, e caiu como um raio sobre o seu antagonista proximo de Alverca.

Tanganho que se considerava triunfante e que marchava ladeado de numerosa comitiva, perdeu as «estribeiras» e lançou-se n'um galope furioso em perseguição de Rogerio Tavares. O seu «Favorito» porém estava arrasado, e a breve trecho teve de baixar pavilhão. O desanimo foi tão forte que pensou em desistir.

No entanto, Tavares continuou a forçar o andamento até ao Campo Grande, ladeado de alguns camaradas, que, quasi continúamente fustigavam o pobre «Emir»

O raciocinio mais rudimentar levanos forçosamente á conclusão, que Tavares ignorava o que se dáva com Tanganho, pois não é admissivel que um tecnico de cavalaria exija semelhante esforço da sua montada, a não ser em ultimo extremo. Ora se Tanganho vinha a pé completamente deprimido, não havia necessidade de findar uma prova tão rude com semelhante velocidade.

O capitão Tavares não teve ninguem que o informasse do que se passava, e os seus companheiros foram nitidamente inuteis, podendo mesmo classificá-los de «amigos do diabo».

A morte do «Emir» veiu assim aniquilar o esforço heroico do conhecido tecnico de cavalaria, com a agravante de não poder ser classificado, em face do regulamento.

Dura lex, sed lex.

Livros novos

O nosso querido amigo e ilustre escritor Armando Ferreira, auctor de tantas paginas cheias de verve e dum estilo tão pessoal, acaba de pôr á venda um livro que obteve já a consagração da critica e o louvor do publico. Intitula-se a nova obra «O meu crime», onde, sob a forma moderna e maleavel do auctor, passa um belo sôpro de fantasia e de originalidade.

Para os nossos pobres

Transporte.........	221$00
Alguem que sofre.........	1$00
J. A. C. P.	3$00
	———
A transportar.......	225$00

A Associação de Foot-Ball e a Imprensa

Terminou o incidente entre a nossa primeira entidade sportiva de «foot-ball» e a imprensa. E, acabou bem, tendo os dirigentes d'aquele alto organismo compreendido o alto fim e a missão que competem á imprensa.

O nosso jornal recebeu, como lhe competia, aqueles bilhetes de ingresso nos campos desportivos, que julgou estrictamente necessarios ao cumprimento da sua tarefa.

Dada a enormissima e cada dia maior expansão de *O Domingo ilustrado*, temos inumeros correspondentes na provincia.

Por toda a parte, os cartões de identidade conferidos pelo nosso jornal, exclusivamente aos seus correspondentes sportivos, dão ingresso nos campos das respectivas localidades, e com as honras que são merecidas a um jornal que é a *maior tiragem de semanarios portuguezes* e desde o seu primeiro numero tem um acentuado cunho sportivo.

Parece que apenas na Figueira da Foz, e que por lapso decerto, ao nosso solicito correspondente não foi respeitado o seu cartão. Vamos desde já chamar a atenção do caso para as altas entidades sportivas que nele podem intervir.

As viagens do "Junker's"

O aeroplano gigantesco «Junker's» de construção inteiramente metálica, e de fabricação sueca que amanhã deve aterrar na pista internacional de Alverca, é um dos melhores modelos de aeroplanos para passageiros que se tem construido até hoje. Toda a população de Lisboa terá ocasião de admirar a maravilhosa elegancia do já celebre «gigante do ar» e, felizes os que, mercê d'uns poucos de mil reis, poderão gosar o inefavel prazer de uma viagem aerea, prenda que entre nós apenas tem sido gosada por rarissimos.

Como prova da magnifica solidez e construção dos «Junkers», basta dizer que, a casa que o construiu, vem desde o principio do ano, fazendo as principaes carreiras de navegação aerea, n'uma grande extensão de kilometros, e, até á data, não sofreu a menor «panne» em qualquer dos serviços!

O «Juncker's» deve levantar vôo diariamente durante algumas semanas, levando a cruzar o espaço centenas de pessoas. Chamamos a atenção dos nossos leitores para a reportagem e noticiario que no proximo numero publicaremos—porque alguma coisa de inedito e de profundamente imprevisto encontrarão. E, mais do que tudo isso, teem os leitores do Domingo Ilustrado, uma surpresa agradavel á sua espera...

OS SPORTS NA PROVINCIA

(Dos nossos correspondentes especiais)

FIGUEIRA DA FOZ, 10.—Realisou-se no passado domingo um encontro de foot-ball, entre os teams de 1.as categorias Ginazio-Naval, para continuação da disputa da Taça Figueira da Foz, ganhando o primeiro por 5-2.

Não se realisou conforme estava anunciado, mais nenhum encontro, em virtude do mau tempo.

O nosso formidavel concurso de novelas curtas

Como é enormissimo o numero de novelas entradas na nossa redacção, serão lentas a sua classificação, e leitura. Tenham pois paciencia os 252 concorrentes, que a todos chegará a sua vez. Iremos publicando os titulos e autores das novelas que fôrmos lendo.

Assim, podemos já hoje dar o seguinte começo da enorme lista:

A TRISTEZA DE UM HOMEM—de A Gitonelo.
A SÉ—de Maria Amelia.
O BILHETE DA LOTARIA—de Sabe tudo.
DE CAVADOR A MINISTRO—de Jaime Barata.
O COLAR DE PEROLAS—de Um homem sem importancia.
NO ALGARVE—de Irene Aurora F.
AMOR, AO QUE CONDUZES...—de Almerindo Serra.
UMA METAMORFOSE OBTIDA PELA FORÇA DE VONTADE—de Sejo Levante.
AMOR E TRAGEDIA—de H. S. C.
O INFORTUNIO D'UM CORAÇÃO AMANTE OU UM AMOR INESPERADO—de Vicente R. Ferreira.
NO VOLTAR D'UM DESAFIO—de Lotuja.
A COSTUREIRA—de Souza Cruz.
A HERANÇA—de A. D. Escilerio.
DOR QUE NÃO MATA—de Carlos de N.
MERVEILLEUSE PHENOMENE—de Peter Paulus.
UMA VIDA QUE ABORRECE—de Manuel de Coimbra.
TORTURADAS—de Oswaldo Abring.
N'AQUELA MANHÃ...—de Um homem sem importancia.
QUANDO O DESTINO MANDA—de Silvio Diniz.
A GABRIELA—de R. F. P.
PASSAGENS DESTA VIDA—de «O que escreve pela primeira vez».
VIDA POR VIDA—de Silvio Diniz.
AMORES QUE MATAM—de Freire Teixeira.
A MEÚDA—de Alvaro Leal.
VISIONARIO—de Luís.
CONTRASTES—de Luís.
AMOR SELVAGEM—de Guilherme Ramalheira.
A MULHER QUE O JAZZ-BAND MATOU—de Guilherme Ramalheira.

á sucapa...

«Tremidinho» em Paris

Uma obra

Por lapso ainda não nos referimos ao belo ultimo numero da Revista «De Teatro». O grande magazine teatral da habil direcção de Mario Duarte e Pereira de Carvalho, que representa uma grande obra de fé, de persistencia e de espirito organisador, conseguiu no seu 3.º aniversario ter á sua volta tudo quanto em teatro marca.

O seu numero comemorativo é, por si, uma afirmação do valor daquela primeira publicação do genero, na Peninsula.

A revista «De Teatro» é, pois, credora do auxilio de todos os portugueses que se interessam pelo progresso da sua terra.

Licenças para representar

Vocês conhecem a história: Um dia os camaradas actores reuniram na Associação de Classe para... limpar a classe.

Como?

Pedindo ao Ministro da Instrução que fizesse uma lei, pela qual não podesse existir um actor sem diploma passado pela Inspeção dos Teatros.

E depois?

Depois o governo fez-lhes a vontade. Ganhou com isso uns vintens... e passou o diploma de actor a quantos se lembraram de lh'o pedir...

Isto é, a classe ficou «suja» na mesma, e, teve que dar cento e oitenta e quatro escudos!

—Pois sim!—diziam os que tinham tido a idéia—mas agora acabou-se porque quem quizer ser actor, tem que ir fazer exame ao Conservatorio!

Pois não vão tal!

Se no Ministerio da Instrução aparece um desgraçado que deseja ser actor e não tem empenhos, é certo que o obrigam a ir para a Escola, carregar com o Gil Vicente ás costas e, para se fingir que a coisa é muito dificil, fica reprovado.

Mas se pede o diploma acompanhado por uma «empenhoca», dão-lhe logo a licença, sem mais aquélas, n'um favor de «compadres» que se amparam mutuamente!

E nós, na nossa inocencia perguntamos: De que valeu pedir ao governo a lei? Não se saneou a Classe, não se destrinçaram direitos, não se fechou a porta a quantos querem vir para o teatro pela mão d'um protector mais ou menos desinteressado!

Que se ganhou então?

O governo ganhou o dinheiro que recebeu, e a Escola da Arte de Representar, ganhou um certificado de existencia...

A critica franceza e os compadres portugueses

Paris Novembro, de 1925:

Ha dias assisti a uma «première». A peça era d'um estreante e o publico gostou da obra.

No dia seguinte, por curiosidade, comprei os jornaes para lêr o que diziam do caso.

Pois meus amigos! Todos traziam a cronica, o que me fez pensar que aqui em Paris não estão os criticos á espera... uns dos outros.

E, caso curioso, todos afirmavam as mesmas qualidades á peça e todos apontavam os mesmos defeitos!

Por exemplo:

Todos os criticos diziam que uma scena do segundo acto eram bem detalhada e egualmente todos afirmavam aqueoutra do terceiro tinha um desiquilibrio!

Mais:

Todos os jornaes garantiam que a actriz X compreendera admiravelmente o papel e o actor B errára no final do 1.º acto.

Este exame levou-me à conclusão de que os criticos francezes «sabem de teatro» e não se deixam embrulhar facilmente.

Satisfeito com a descoberta, busquei uma apresentação para um critico que me elucidou:

—Para ser critico teatral, é preciso conhecer profundamente teatro e, de uma maneira insosfismavel, fazer a demonstração d'esse conhecimento! Pelo livro, pela conferencia, etc. Um critico tem «obrigação de mostrar o que vale», e só depois pode fazer critica!

—Lá na minha terra é quasi a mesma coisa!—disse eu.—Só com a diferença de alguns criticos não demonstrarem nada!

—Mas então quem faz a critica?

—As pernas das actrizes ou as simpatias do ouctor.

—Quê? Então a critica sofre a influencia d'alguem?!

—Tanto não digo, mas o criterio é este:

Se o auctor é da côr, diz-se bem, se não é, nem a alma se lhe aproveita!

—E a critica sabe destrinçar? Sabe vér onde começa e acaba a intenção do auctor? Sabe vêr até que ponto a interpretação valoriza ou prejudica a obra? Como trata ela os interpretes?

—Trata conforme a lua e a digestão do jantar! As actrizes é conforme a «sorte» que dão, os actores consoante outras coisas!

—Não compreendo!

—Nem eu, mas se não é por estas razões é por outras parecidas!

—E diga-me, em Portugal, que fazem os criticos?

—Dizem que sim!

—Não é isso! Pergunto em que se ocupam?

—Em diversas coisas! Tiram o retrato em grupo com os artistas estrangeiros, falam nos banquetes, e alguns pensam em se sindicalisarem!

—E não escrevem para o teatro?

—Alguns cairam nessa, mas deramse mal porque não sabiam como era!

—Quando um artista erra uma figura, que dizem os criticos?

—Uns dizem que sim e outros dizem que não!

—E não lhe apontam a emenda?

—A absoluta falta de espaço pode com todas as cargas!

—Mas então quem dirige a arte dramatica em Portugal?

—E' o Pinheiro maluco!

—Esse senhor é critico teatral?

—Por ora ainda não, mas já lhe faltou mais!

A invasão dos barbaros

Devido á crise teatral, todos os dias saem «grupinhos» de actores e actrizes para a provincia.

Não dizemos o facto por menosprezar a vontade que cada um tem de morrer de fome. Simplesmente fazemos ésta singela pergunta:

—Em vez de dez grupos a cinco actores cada, não seria melhor formar duas ou trez companhias mais homogeneas e com maiores probabilidades de exito?

Assim, gasta-se a polvora em... coisas de nada, e a provincia qualquer dia está como Lisboa!

Protétores e protegidos

No Maria Victoria alcançou um relativo e merecido sucesso a actriz Carminda Pereira que, ainda ha pouco tempo fazia parte do elenco coral do mesmo teatro.

Pois agora, não falta quem apregôe aos quatros ventos o apadrinhamento da jovem actriz, havendo até quem se afirme sua protéctora desvelada, quando nós sabemos, e bem, que eram esses que se opunham a que fosse dada a alternativa á simpatica actriz! E ainda ha quem afirme que a classe teatral não é toda uma familia...

A A. C. T. T. e os socios em atrazo

Foi preciso que a A. C. T. T. se arruinasse, para que a gente de teatro chamasse em seu auxilio pessoas, que, pela sua categoria moral e intelectual, dentro do teatro estivessem á altura de fazer «d'aquilo» uma «Associação de Classe»!

Foi preciso haver 40 contos de cótas em atrazo para se reconhecer... que «aquilo» não podia continuar assim! Alguns homens de bôa vontade, vieram tomar conta do «doente».

Como verá a classe, (sobejamente demonstrada a sua inepcia) as reformas ultra-radicaes, que esses homens vão propôr?

Eis a pergunta de cuja resposta depende a vida associativa da Classe Teatral...

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A TRISTE HISTORIA D'UM BEIJO

Episodio verdadeiro de que o leitor poae adivinhar as figuras se atender em dois pequeninos detalhes do relato...

—CONHEÇO todos os artistas! Trato por tu quasi todos e são todos muito meus amigos! Verás!

—E és capaz de me levares lá dentro, ao palco?

—Sou! Não me custa nada! Bem, então fica combinado. A's nove estás na «Chic»!

—A's nove certas!

—Até logo! Não faltes!

* * *

Luiz, quando a mãe foi a sepultar, amortalhada no seu vestido liso de seda preta, religiosamente conservado durante anos, para aquele unico fim, achou-se em frente da vida, esfinge de nuvens doiradas que a sua anciedade

...: a carne imperando, em gestos canalhas que lhe toldavam os sentidos, numa enorme vibração dos sentidos...

de carne moça por vezes antevía, nos sonhos vagos da sua individualidade educada nos sãos principios da moral, forte de preconceitos, alevantada de bons costumes.

Quando as ultimas rosas brancas cairam sobre o monte de terra que guardava para sempre, aquele coração que o tinha amado tanto e feito nascer na sua alma o amor pela virtude, Luiz voltou para a sua casa da Estrela, nua de áfagos e palavras carinhosas, fria, muda, desde aquela hora em que a mãe, fitando-o muito, tinha deixado cair vagarosamente a cabeça sobre a almofada num gesto de adeus á vida. Só no mundo, sem mais parentes, Luiz, com os seus vinte e dois anos e um modesto emprego num Banco da Rua do Ouro, ia começar a sentir o pezo gigantesco e brutal da existencia, ardilósamente encoberto nas ilusões puras da sua mocidade.

E, assim, largando a ancia em busca do desconhecido, sentindo o sangue pulsar contente na procura das mil e uma visões de encanto que as suas longas horas de silencio lhe diziam haver para além da sua timidez, abriu de um vôo e veiu, sofregamente, anciosamente, procurar o que a sua alma sonhára, o que a sua carne moça adivinhára!

* * *

O Teatro! Como seria aquilo por dentro?! Aqueles senarios que reluziam de oiro, aqueles fatos pagãos que deixavam antever milhões de sonhos! E as mulheres!? Como seriam elas no teatro? De que manhas e subtilezas pecaminosas não seriam capazes!

Ter uma mulher de teatro! Oh! a vaidade de os outros a saberem sua! Que delicia apertar nos seus braços aquele seio que o publico em massa, em turba de faunos, todos os dias cobiçava! Ouvir-lhe as palavras secretas, sentir os seus beijos intimos, e pensar quando todos na plateia a olhavam muito, ebrios de ancia:

—E' minha! Sou eu que ela ama! E' de mim que ela gosta! O seu coração é meu, meu só, muito meu!

E no cerebro de Luiz estas coisas passavam num turbilhão de febre, num cavalgar fantasma, numa rajada enorme, abrindo-lhe mais a anciedade dos seus vinte e dois anos, fazendo-lhe escaldar o sangue nas veias numa fantástica violencia de sentidos!

* * *

—Aquéla que entrou agora, é a «estrela» da companhia, a X...

—E' bonita!

—E'! Dizem que é uma descarada de se lhe tirar o chapeu!

—E' casada?—perguntou Luiz ingenuamente.

—Foi! Agora... tem sido!

—E' muito bem feita! E tem graciosidade!

—Já tem dois suicidios ás costas e é capaz de não ficar por ali! E' danada!

—Conheces?

—Trato-a por tu! No intervalo vou aprezentar-te!

E durante os outros quadros, Luiz, esperava anciosamente a entrada da «estrela», sentindo ao vel-a, uma sensação extranha, uma emoção febril que lhe punha os nervos em braza! Aquela mulher! Como aqueles gestos canalhas e desbragados o tomavam, como aquelas atitudes teatraes, sem moral mas impregnadas de desconhecido, o obrigavam a não desviar os olhos, algemados áquela vibração doente de pecado em exposição!

* * *

No intervalo foram os dois ao palco. A aparentar familiariedade, o amigo, dava palmadas nas costas de alguns, dizia confidencias a outros.

—Leva-me ao camarim da tal «estrela».

—E' mesmo aqui!—e batendo na porta—O' X...! Dás licença?

—Entra—disse de dentro uma voz:

—Quero aprezentar-te o meu amigo Luiz!

—Muito prazer! Faz favor de se sentar!

—Olhem eu vou ali ao camarim do Alvaro de Almeida! Volto já!

Luiz ficou sentado, a menos de meio metro d'«Ela»! Tinha-a agora ali, bem perto, coberta por um «Kimono» de seda leve que lhe deixava adivinhar as

... o pensamento perdido em largos sonhos que davam á sua sensibilidade de romantico, um enlevo apaixonado!

formas, envolvida por um perfume quente de pó d'arroz, n'um provocante ávontade de atitudes!

—E' a primeira vez que vê a peça?

—E', e o teatro tambem! Nunca tinha entrado no «Eden»!

—E' curioso! Sabe que tem uns dentes muito bonitos?—disse ela olhando-o nos olhos.

—Eu?!—fez Luiz, córando muito.

—Sim! e os olhos tambem! Simpatiso consigo, sabe!

—Mas...

—Tem uns lindos dentes!—e ela chegava-se mais um pouco para ele envolvendo-o no seu perfume estonteador. Brancos... como a minha pele! Não é verdade?—e n'um gesto violento, forte, atrevido e brusco tomou-lhe com ambas as mãos a cabeça e sugou-lhe barbaramente os labios.

—Luiz! Está a principiar o acto! vamos!

—Adeus, adeus!—disse ela—Tenho

... e sem vêr, sem o olhar, num gesto habitual

que me vestir!—e desapareceu sob o reposteiro.

* * *

Luiz não disse uma palavra ao amigo.

Em casa não conseguiu adormecer! Sentia-se outro, desconhecido, os labios ainda quentes d'aquele beijo, o cerebro todo cheio d'ela!

E por mais que o seu cerebro procurasse equilibrio, por maior esforço que fizesse para encadear pensamentos, eram os labios d'ela, sempre os labios d'ela que ele via como um sol ofuscante, enorme, esmagador!

* * *

Ir visital-a?! Como?! Tinha vergonha de contar a verdade ao seu amigo!

E durantes noites de febre vagueou pela porta do teatro procurando em vão um encontro.

* * *

Sim era o melhor! Tinha sabido a morada d'ela, esperála-hia á porta.

E n'aquela noite...

* * *

O automovel aproximava-se. Luiz sahiu do escuro para que ela o visse bem e conhecesse.

Envolta em peles ela desceu do carro:

—Minha senhora!...—disse Luiz a medo, tirando o chapeu—

Ela, sem o vêr, sem voltar a cabeça, abriu a maleta, tirou uma pequena nota de cinco tostões e, n'um gesto rapido, habitual, deixou-a cahir no chapeu de Luiz e entrou.

* * *

UMA NOVELA IRONICA COMPLETA

A chuva d'ouro... americano

Relato de um caso que toda a gente conhece por ser dos nossos dias. Leia e acautele-se

—QUERES ser rico em menos de 3 mezes?

Esta pergunta feita assim de chofre e á queima roupa, deixou-me a principio sérias apreensões sobre o estado mental do amigo que m'a fez.

Recuei dois passos instintivamente. Ele insistiu:

—Não gastas náda, nem tens trabalho nenhum.

Recuei outros dois passos á cautela. Ele continuou:

—Passas apenas 4 bilhetes e recebes dai a pouco tempo 250 contos.

—Alguma herança?—fiz eu, para dizer alguma coisa e certo já de que tratava com um alienado.

Mas o meu amigo proseguiu:

—A serie começa por um bilhete branco, depois passa para vermelho depois amarelo, roxo, verde, castanho e quando vires o azul recebes o dinheiro.

—E' uma verdadeira chuva d'oiro!

Eu tinha-me feito já tambem de todas aquelas côres, convencido de que tratava com um louco e certo de que me iria ver azul para me livrar dele.

Ele, porém, tomando a minha atitude de receiosa como de assentimento ao que me propunha, continuou com entusiasmo crescente:

—Não imaginas, isto é uma grande descoberta; vem por aí uma chuva d'ouro que nunca mais acaba.

—Oh! diabo e eu que não trago hoje impermeavel, nem galochas...

—Mas se preferires um automovel, ou uma moto-ciclete, é só dizer...

—Não obrigado, vou bem a pé...

—A não ser que queiras um piano de cauda.

Fixei-o aterrado, receiando que fosse ter alguma furia.

—Bem sabes que não toco,—disse no entanto, cautelosamente.

—Mas para dares concertos em tua casa, não é para despresar um piano Ibach e de cauda.

—A minha casa é muito pequena; só se lhe cortasse a cauda,—retorquí muito a medo, esquivando-me.

—Parece-me que afinal não acreditas nos resultados do sistema.

—Ora que ideia!...

—E' que não sábes como isto é feito. E' muito simples. Eu passo-te um coupon. Tu págas esse coupon e recebes quatro. Passas esses 4 a outras 4 pessoas. Cada uma dessas pessoas passa a outras 4. Essas, passam tambem a outras 4...

—Percebo, por omnia secula, seculorum.

—Não, escuta, vamos assim...

—Já sei a 4 e 4...

—E tu só recebes...

—Não digas mais, recebo quando ouvir tocar a corneta para o juizo final...

—A corneta?

—Ou a buzina se preféres. Que aqui para nós, desconfio que o juizo final,—que por este andar não ha de ser muito,—vem a ser anunciado por morteiros...

—Vejo que não percebeste a engrenagem. Isto é perfeitamente uma cadeia progressiva...

—E devia ser tão progressiva, que os inventores do sistema acabassem na cadeia...

—Mas ó menino, isto é como as bolas de neve.

—Ora bolas... de neve meu caro; meu caro! direi mesmo carissimo, se aceder ao que me propões; mas desconfio que te confundas. Não será antes o sistema das bolas... de sabão?

—Mas não compreendo como não atinges nem aprecias as vantagens desta operação?

E recuou ele então, duvidando em absoluto da minha inteligencia.

—Na verdade, retorquí, sinto-me incapaz de perceber como qualquer pessoa sensata, possa acreditar n'uma coisa d'essas.

—Mas repara que é afinal uma simples operação de bolsa...

—Ou melhor de puchar pelos cordões á bolsa...

—Mas não, isto é matemático...

—Pois sim mas muito problemático...

—Não vejo porque?...

—Pois tu achas possivel reunir neste mundo, e mesmo no outro, o numero preciso de incautos a quem progressivamente se vão impingindo esses milhões de coupons que hão-de produzir os 250 contos?

—Essa agora!

—A não ser que esperes o aparecimento das gerações que nos hão-de suceder.

—Óra aí está; são os incredulos como tu que encravam o sistema.

—E os credulos como tu, que encravam os outros.

—Descança que a ti já nem tento convencer.

—E mesmo que tentasses, o resultado seria o mesmo. Quero entrar na eternidade sem preocupações de qualquer especie. E assim, teria de estar ainda no outro mundo, á espera dessa fortuna.

Então o meu amigo olhando-me com desprezo retirou-se furioso.

Julgava-me salvo, quando mais adiante um outro me diz:

—Voce não conhece a cadeia progressiva?

—Conheço de vista.

—Nesse caso ainda não tem nenhum bilhete? Ainda não entrou na cadeia?

—Longe vá o agouro. E Você o que faz agora? perguntei para desviar a conversa.

—Náda. E para que me hei-de ralar?

—São duzentos e cincoenta contos pela certa!

Espero receber desta operação 250 contos; duma outra 2.000 florins: doutra 110 contos; e doutras varias, um automovel, uma side-car, um piano, relogios...

—Percebo, vae montar um bric-á-brác.

—Espero mesmo obter, vestuario, calçado, viveres, etc, porque por este sistema da cadeia, pode-se adquirir tudo.

—Na verdade, para que me hei-de maçar se vou receber tudo isso. Não faço náda, estou á espera...

—A' espera da cadeia. Sim, parece-me que é onde irá parar com esse modo de vida, ou melhor, com tal ausencia dele.

—Você conhece a cadeia progressiva?

Olhou-me tambem com um ar de piedade e retirou-se indignado. Respirei. Porém, em menos de um quarto de hora, vi-me obrigado a passar de capote, varios crentes do tal sistema; um com 16 contos garantidos; outro com um relogio; outro com um pár de sapatos; ainda outro com um córte de fazenda; emfim um verdadeiro grandela de oferecimentos.

Positivamente o sistema da chuva d'ouro, mas para fóra do bolso.

Afinal chegava intimamente á conclusão de que já teria gasto nesse dia, mais de 500 escudos, se me tivesse deixado seduzir pelas belezas do sistema, quando ao virar uma esquina, se me põe ainda na frente mais um propagandista daquela verdadeira epidemia.

Desiludo-o imediatamente para lhe poupar inuteis dispendios de rhetorica. Um voto solene, um juramento sagrado, servem-me de pretexto.

—Ora que pena, murmura num lamento; uma coisa que dá tanto resultado; sei duma pessoa que já recebeu: um amigo, dum primo da mulher do sogro da minha porteira.

—O quê? fiz eu incrédulo? Já alguem recebeu?

—Já, sim, um policia na Cova da Piedade.

—Ah! já na cova acredito.

—E' verdade; creia que pagam; é uma coisa séria, garantida. E' de facto uma verdadeira chuva d'ouro.

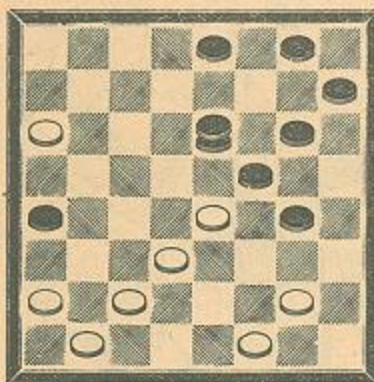
(CONCLUE NA PAGINA 8)

PASSA-TEMPO

Solução do problema n.º 42

	Brancas	Pretas
1	24-27	31-24
2	10-15	19-10
3	11-16	20-11
4	17-22	25-18-9
5	13-2-20-27-14-3-12	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 43

Pretas 1 D e 7 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 41 a Sr.ª D. Herminia Palmeia e os Srs. Artur Santos, Barbeiro Ideal, Ernesto Covas, Fa-Mi, José Brandão e Vicente Mendonça.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo já nosso conhecido amador Neulame (Figueira da Foz).

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

A CHUVA D'OURO... AMERICANO

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

—Olhe meu velho eles é que estão a pedir chuva... d'ouro; mas d'oiro em barras e em forma de picaretas.

E, retirei-me discrétamente, com a sensação vaga de que um ligeiro excesso de bôa fé, me teria levado já nesse dia, á falencia, á ruina completa.

N'isto uma voz triste, pergunta a meu lado:

—Você conhece a cadeia?

—Não, nunca lá fui.

—Refiro-me á cadeia progressiva, á chuva d'ouro.

Nem pestanejei; abotoei o casaco, e dispunha-me a gritar ao da guarda, quando o outro agarrando-me, tornou numa voz lamentavel:

—Pois se não conhece, quero avisa-lo, porque eu já a conheço por experiencia propria e de gingeira.

—Pois quê? Tambem o meu douto amigo caíu d'aí abaixo!—censurei eu, apertando as mãos num grande ar de final d'acto.

—Infelizmente acreditei e puz-me a ver se apanhava a tal chuva...

—E molhou-se?

—Disseram-me que era uma coisa rapida, garantida, em meia duzia de dias. Passavam-se apenas 5 senhas a 5 pessoas e recebia-se logo um conto.

—E então?

—Então náda. Que davam um conto e até agora, nem vintem...

—Então; é que era um conto... do vigario...

AUGUSTO CUNHA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

QUADRO DE HONRA

20 DECIFRAÇÕES (Todas)

REI-VAX

BISTRONÇO E ROBUR

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 42

QUADRO DE DISTINÇÃO

19 DECIFRAÇÕES

LOPES COELHO e ARIEDAM

18 DECIFRAÇÕES

BRUTO

17 DECIFRAÇÕES

A. M. C. e TIO & SOBRINHO

16 DECIFRAÇÕES

ERRECÉ

DECIFRADORES DO N.º 41

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1 Liçado—2 Pouza-Louza—3 Pialar—4 Escritorio—5 Crudo—6 Dizedela—7 Polhocras—8 Pandemos—9 Rascadas—10-11 Brejoso—12 Batebarba—13 Oceanografia—14 Grão-Duque—15 Camarão—16 Adubabela—17 Catavento—18 Charola—19 Safardana—20 Recio.

CHARADAS EM VERSO

(Em homenagem ao distinto Africano)

(1)
A natureza, a linda natureza
Que sorri sob os beijos do luar,
Reveste-se de graça n'um altar
E ante os olhos de Cristo tambem reza.

O *escritor* fantazia-a com grandeza—2
N'um estilo que se eleva a soluçar;
E os pombos vão beijando-se pelo ar
Dando á vida um realce de beleza.

E o Ceu, o ceu azul da imensidade
N'um etereo sorriso de bondade,
Tambem *of'rece* um canto de explendor—1

Aurora a despontar... sinos da aldeia
Repicando, perfazem a epopeia
Que aviventa a *razão* do nosso amor!...

ORDISI

(2)
Quanto mais você diz:—*Hi!*—2
Mais o acho embirrento;
Mas *p'ra* que serve seu pai—1
Se não cala o seu *lamento?*

Coimbra — HICCO-ZONHI

(Mais uma para «invulneravel» Bistronço)

(3)
Tenho em minha casa um servo—2
Que em tempos que já lá vão,
Exerceu *com o meu* padrinho—1
O lugar de *sacristão.*

DEMOCRITO

(4)
Muito sofri; meu coração deserto—2
Jamais sentiu um só olhar amante,
Sem afeições, no meu destino *incerto*—2
Fui qual nomada pelo mundo *errante.*

Figueira da Foz — BIO

(5)
Não *nota* ao fundo vale—1
Junto ao saptor, um cordeiro
A comer um *animal* 2
que se banhava no *ribeiro?*

ZELIA BORGES

(DIALOGO)

(6)
—*Porque* motivo ou razão—1
Não *of'rece* á sua Helena—1
'ma *qualquer* recordação,
Embora seja pequena?

REI-VAX

(7)
? Porque pergunta o *motivo?*—1
Basta! Não seja indiscreto.—1
Parece *mentira* que haja
Quem seja tão incorrecto!

REI-VAX

(Agradecendo e retribuindo a Vasco H. Dias)

(8)
«A *medida* é conhecida—1
O *instrumento* egualmente»,—2
Não causa «pequilha» á vida
Mas *atrôa*, enerva a gente.

REI-MORA

OUTROS DECIFRADORES:

PATO BIGAS, L.da, 11 — MIDA, 7

DEDICATORIAS:

Decifraram as produções que lhes foram dedicadas:

ERRECE e BISTRONÇO

DURAS DE ROÉR...

A n.º 11—Malcosinhado—da autoria de *Toutinegro* foi a produção menos decifrada.

(QUADRAS)

(9)
Dos olhos teus, meu amor,
vem luz, brilho e doce afago;
de mais *nada* é o calor—1
dos beijos que n'alma trago.

* * *

Tenho *ciume* de tudo—1
que te cerca e tens de ver.
Fechando os olhos és muda
ninguem te sabe entender.

* * *

Juraste-me ainda ha pouco,
com um calor insuspeito,
que eras minha! E eu, tão louco,
nunca sonhei tal *proveito.*

TOUTINEGRO

CHARADAS EM FRASE

[Ao confrade Bistronço *para se recordar]*

(10) As *grandes quantidades* de pelos que ele tem na *cara* são horriveis. E então o *bigode?!*—1—2

TOUTINEGRO

[Aos distintos charadistas 4 Maduros, *agradecendo]*

(11) O seu *agronomo* está *quasi sublime*:—está *encantador!*. 2—3

(12) Com tanto *ardor* o caso foi *exposto*, que fiquei completamente *parvo*—2—2

Coimbra — HICCO-ZONHI

(13) A *arvore* que os *dois* plantaram foi o bastante para os arruinar—2—1

JORGE X

(14) Pobre *animal!* Então não *nota* que está cheio de *fome?*—1—2

MIDA

(15) *Ahi* estás tu *em frente* de mim de *boca aberta!*—1—2

Figueira da Foz — BIO

[A Dropé respondendo á sua «Oportuno»)

(16) Tanta *presunção* por ter feito uma *extravagancia*, que afinal o conduziu á *loucura!*—2—3

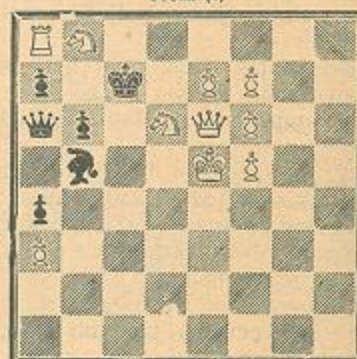
LHERY

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 43

Por H. E. Funk (1921 - 1.º premio)

Pretas (6)

(Brancas (10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

O problema de hoje é construido sobre o mesmo tema do n.º 41 Bloqueio e pendulo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 41

1 D 2 B R

Tema de pendulo—A chave abandona a guarda no ataque de certas casas do terreno do Rei preto e vai atacar ou guardar identicamente outras casas paralelas do mesmo terreno.

Resolveram os srs. Marques de Barros e Vicente Mendonça.

O nosso consocio e amigo Antonio Maria Pires distintissimo amador de xadrez, no louvavel intento de desenvolver este jogo, vai começar na proxima quinta feira, pelas 21 horas, na Universidade Livre, um curso que constará de dez lições, dedicado especialmente á Academia portugueza, como preparação para o proximo campeonato de Portugal e para os matches e torneios internacionais. O curso é publico. Representa um acontecimento devéras notavel no nosso meio tão pobre de manifestações de aplicação intelectual.

CHARADAS EM FRASE

(17) Por um bocado de *linguiça* já mataram no *Douro* um *homem*—2—2

LHERY

(18) *Prende o Mesquinho ao engenho*—2—2

Guimarães — REIROBI

(A Pato Bigas, Limitada; *agradecendo a sua «Bambochata»)*

(19) A moda *atrae* a *mulher* duma forma *irresistivel.*—2—2

ENIGMA

(POR SILABAS)

(20)
De tres silabas formada
Sou palavra conhecida
Vereis, pois, numa penada
Como sou logo abatida.

Ponha lá, mas de carreira:
A primeira é muito dura,
A segunda com terceira
No verão é que perdura.

A primeira mais a segunda,
E' grandeza, é acervo;
E nisto tudo se funda
O labor do vosso *servo.*

CORREIO DO

ORDIZI—Muito agradeço se digne enviar-me mais algumas das suas belas produções.

MIDA—Queiram ler no regulamento publicado no n.º 39 para lhes evitar a massada de perderem tempo a produzir charadas a que não posso dar publicidade.

4 MADUROS.—Ao proceder ao arquivo da correspondencia relativa a esta secção, encontrei uma carta dos colegas a que por lapso não respondi. Posto que fóra de tempo não quero, no entanto, deixar de satisfazer o seu pedido. No dicionario de Antonio Moraes Silva podem verificar as produções a que se referem. E com isto deixem-me que lhes diga que somente agora atinei com o motivo da vossa auzencia..

Espero que os colegas me relevem a falta.

VASCO H. DIAS.—Estranho a sua longa auzencia.

REI-FERA

RESPOSTAS A CONSULTAS

ZARUCA II.—Boa força de vontade, leal e dedicado, um pouco ingenuo, gosto pela dança, generoso, impulsivo, paciente... mas quando acorda... mau, ideias proprias mas que não tem o trabalho de expor, dignidade bem entendida, em amor, acanhado.

AMERICANO.—Irreflectido mas bom, no fundo, pouco trabalhador com capacidades excelentes, inteligencia clara, frase viva e acertada, generosidades intermitentes, bom gosto, sentimento de poesia, boa memoria.

RAVOT ED SOMEL.—Força de vontade, impaciente, inteligente, pratico, geito para mandar, original no trato, generosidade bem entendida, falador e amigo da discussão, simples nos gostos, amor a todas as artes, pouco vaidoso como é natural em pessoa que «vale» nervosismos, muito poeta no fundo.

MARQUEZ DE RIJAGOZ.—Boa força de vontade, trato original e talvez antipatico, generoso para a galeria, inteligente e vaidoso da sua pessoa, um tanto hipocrita, amor á estetica, apaixonado e sensual.

GRANDE ELIAS.—Apaixonado, boa memoria, trato afavel, mais esperto que inteligente, generosidade bem entendida, bom... e mau... como calha, memoria excelente, amor á estetica, bons nervos e boa saude, sabe mentir muito bem.

RUTRA.—Espirito aberto e franco, inteligencia assimilavel mas pouco creadora, impulsivo, valente e forte nos sentimentos, sabe odiar e amar com a mesma força, sentimento de poesia e do fado, generoso, leal até com os inimigos, força de vontade.

SANTO ALFONSO.—Originalidade no trato, rajadas de mau humor que o fazem ser brusco, energia moral, curiosidade, assimilação intelectual, bom gosto estético, sentimento de poesia, mais orgulho que vaidade, generosidade bem entendida, sensualidade forte, ideias proprias e nada mudaveis, boa memoria que já foi melhor.

MARY L.—Nervos fortes e calmos, equilibrio moral, caracter pensador e previdente, franqueza e lealdade, facilmen'e impressionavel tanto á alegria como á dôr, associa se aos outros nas maguas e nas alegrias, simples nos gostos, nada a faz mudar de um caminho traçado, amor aos livros e á musica, reserva absoluta, muito sentimento mas caracter nada comunicativo.

ALTAVE.—Ordem, boa memoria, impaciencia, nervos indomaveis, ideias proprias, espirito religioso, intuição, caracter discreto e agradavel, parece mais inteligente do que é porque possue graça e espirito para falar, no fundo é dum egoismo que não se atreve a confessar nem a si proprio, quere o bem alheio mas não á custa do seu, bom gosto e sensualidade cerebral.

PRINCIPE ENCANTADO.—Espirito que se deixa arrastar um tanto pelo romanticismo, memoria excelente, generosidade impulsiva, muita intuição, inteligencia clara e assimilavel, bom gosto para tudo, um tanto optimista e tambem um pouco irrefletido, ordem nos objectos e desordem nas ideias, amante de frases e imagens bonitas.

C. B. M. N. C.—Espirito cansado, caracter bondoso e dedicado mas não muito meigo, juizo claro e justo das coisas, pouca ou nenhuma vaidade, espirito religioso sem fanatismo, nervos fortes, bom gosto, geito para mandar, generosidade bem entendida, boa inteligencia mas não muita cultura.

MAERA.—Bom gosto, nobreza de caracter embora um pouco brusco e nada comunicativo, amor á discussão, pouca memoria, nervos indomaveis, irritabilidade nervosa que ás vezes o torna agressivo (na frase), generosidade impulsiva, boa inteligencia mas que se fatiga rapidamente.

ROBESPIERRE.—Impulsivo mas sabendo dominar-se graças a um esforço de vontade extraordinario, consegue ocultar a todos o seu caracter cheio de coisas más, orgulho desmedido de si proprio, ambicioso, egoista, fortemente sensual, hipocrisia, desconfiança, avareza; a unica coisa que vejo na sua caligrafia (muito pouca) é um cerebro e uma memoria prodigiosa e, apesar de o parecer, já não muito novo, cheio de energia e audacia; nascido em outros tempos, o seu nome ficaria marcado na historia.

FADIGAS!.—Inteligencia pouco cultivada, ideias proprias sustentadas teimosamente, pouco generoso, mas amigo de dar esmola sempre que outros vêm, mau gosto, de ler livros não percebe nem patavina, esperto em negocios que o interessem, sonhador de aventuras, sensualidade forte mal saciada, vaidade pessoal e habilidade manual embora os nervos o façam tremer muito o pulso, amor á dança.

ZITA.—Espirito socegado sem complicações, boa memoria, nervos fortes, generosidade bem entendida, amante de versos, orgulho sem vaidade, espirito religioso sem fanatismo, lealdade para com os amigos, bom gosto mas simples, amor aos bons livros.

LUCIANO SOARES.—Caracter apaixonado e impulsivo deixando-se levar tanto no impulso que se engana a si proprio muita vez, é bom... e mau, capaz de um crime ou de uma heroicidade, franco, leal um tanto incompreensivel para os que o rodeiam, fortemente sensual e nervoso, uma contrariedade causa-lhe uma doença, tal é o seu temperamento, é facil ás sensações, memoria excelente, generosidade bem entendida.

LIO.—Não servem versos já disse muita vez.

UM PARAFUSO S/ROSCA.—Caracter reflexivo... aos bocados, boa disposição de animo, habitos de trabalho, generosidade muito entendida, ordem, metodo, ideias proprias e nada mudaveis, espirito recto, e um alto conceito da dignidade, despreciador de coisas vãs mas ambicioso, boa memoria que já foi melhor, habilidade manual, reservado, leal, poeta intimamente.

UMA ALMA QUE SOFRE.—Caracter bom e dedicado, boa memoria, pouca vaidade, inteligencia intuitiva, juizo sereno e boa aconselhadora, ordem, generosidade bem entendida, um tanto desconfiada (que não era), mais pessimismo que optimismo, suave e agradavel para todos, amor á musica e aos bons livros.

F. M.—E' realmente modesto, com uma modestia não isenta de dignidade, muito nervoso, muito ordenado, pensador, generoso quando o deve ser mas sem prodigalidade, de gostos simples, de poucas palavras a não ser quando esteja verdadeiramente entre amigos, pouco mudavel nas suas ideias, reservado, tem ambição sem egoismo, gosta da poesia «em prosa», optimista não muito, com má memoria e maus nervos.

EUGENIA LINCOLN.—Força de vontade teimosa, bom gosto, generosidade, lealdade, amor ás coisas frivolas, mania de criticar, boa memoria, ama as flores, espirito religioso.

D'ARENQUEIRA.—Vaidade pessoal um tanto exagerada, bom gosto, boa memoria, fantasia sonhadora, trato afavel e simpatico, intuição, espirito religioso, generosidades prodigas, desordem, sensualidade cerébral.

V. M.—Caracter impulsivo, de paixões um tanto violentas, egoismo, rajadas de mau caracter devido aos nervos, religioso quasi fanatico, bom diplomata, caracter ciumento, espirito critico acertado, inteligencia clara.

EL CARLITOS.—Inteligencia mais intuitiva que cultivada, bom coração, generosidade, impulsiva, boa memoria, trato afavel, comunicativo e credulo. Trabalhador e com poucas complicações espirituaes, é quasi feliz.

APERLE.—Ideias originaes, bom gosto artistico, idealismos, despreocupado dos outros, vive para ele, generoso, desordenado, bom, leal e dedicado, verbo facil, inteligencia clara, ambição, caracter veemente e apaixonado. Boa memoria, fortaleza de espirito, nervos fortes e culto da verdade.

EU SOU O LUTA.—E' muito dificil definir um caracter onde não ha caracter formado ainda. Na sua caligrafia não se vê senão uma grande impericia na mão. Daqui a uns anos quando escreva melhor, poderá a sua escrita ser sujeita ao exame grafologico.

SADÁ.—Imteligencia clara, premeditação para tudo, força de vontade, impaciente, energia moral, teimosias, generosidade bem entendida, coquetteria espiritual, bom gosto estetico, sensualidade forte, frase viva e pensante, alto conceito de si propria.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

D. E.

QUERE SABER O SEU CARACTER? AS SUAS QUALIDADES E DEFEITOS? ENVIE SEIS LINHAS MANUSCRITAS EM PAPEL NÃO PAUTADO, ACOMPANHADAS DE 1 ESCUDO PARA "A DAMA ERRANTE".

RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

HORIZONTALMENTE

1—Ave de rapina (Masc.) 2—Furas 3—Abastado 4—Monte 5—Elemento 6—Destino 7—Elemento 8—Eleva-se (falando de aves) 9—Pedra 10—Une 11—Quadrupede carnivoro (Masc.) 12—Pedra 13—Resa 14—Toma 15—Criminosa 16—Cidade portugueza 17—Carta 18—Pedaço 19—Lar 20—Furor 21—Ligar.

VERTICALMENTE

1—Flôr 9—Ama 10—Estima 16—Casal 22—Metal valioso 23—Duas Letras de ARCO 24—Fala 25—Medida 26—Folga 27—Querer 28—Curar 29—Saír 30—Termina 31—Nome de mulher 32—Fim da vida 33—Orar 34—Apelido 35—Despeje 36—Vão 37—Duas letras de ARTE 38—Carta.

Solução do numero passado

HORIZONTALMENTE

1—Rir 2—Ria 3—Eva 4—Ora 5—Lar 6—Opera—7—Romãs 8—Asiar 9—Luiz 10—Dolo 11—Conde 12—Caras 13—Amado 14—Vir 15—Tio—16—Era 17—Ser—18—Aar.

VERTICALMENTE

1—Rodo 2—Rimas 3—El 12—Cave 15—Tá 19—Ir 20—Rã 21—Atira 22—Vá 23—Aros 24—Rasca 25—Ordem 26—Ossos 27—Danar 28—Odor 29—Ir 30—Rã 31—Ia.

Decifraram o problema no n.º 42 os Snrs: Raimundo Grassés—Silves. Anastacio da Silva—Lisbôa.

CONCURSO

Até ao dia 15 de Novembro p. f. fica aberto um concurso para estes interessantes problemas, com 2 premios assim distribuidos.

«1.º Premio».—Para o desenho mais original.

«2.º Premio»—Para o problema mais bem feito.

Todos os outros problemas recebidos, serão publicados, desde que reunam as necessarias condições.

Os desenhos deverão ser feitos em papel branco e a tinta da China, e enviados em carta a esta redação com a indicação de

CONCURSO DAS PALAVRAS CRUZADAS

Actualidades gráficas

O EXITO DA INICIATIVA DE "O DIARIO" DE NOTICIAS"

O eminente escritor Eduardo Schwalbach e o notavel jornalista José Sarmento, que orientaram superiormente aquele nosso colega, o qual acaba de obter mais um grande triunfo com o II Circuito Hipico de Portugal. A reportagem inexcedivel de brilho, deste acontecimento, pertence a Oldemiro Cesar.

COLABORADORES DE "O DOMINGO"

O Sr. Gomes Barbosa, habilissimo agente de publicidade, a quem, dada a crescente expansão do nosso jornal, foi confiado o encargo de dirigir esses nossos serviços.

O ORFEON NO BRAZIL

O ilustre jornalista Paulo de Brito Aranha, que obteve enormes triunfos no Brazil como «leader» orador do Orfeon de Lisboa.

O SENSACIONAL ENCONTRO DO ULTIMO DOMINGO

BELENENSES-CARCAVELINHOS

Momento em que o «keeper» do Carcavelinhos atacado por Rodolpho dos Belenenses, com uma cabeça segue atento a emprevista trajectoria do esferieo. Daniel Vicente, Alberto Ramos e Alberto Rio ao fundo, completam o «ensemble» do «association».

BELAS ARTES

O ilustre artista professor Augusto do Nascimento que expõe com enorme exito no Salão Bobone, a sua primeira galeria de trabalhos, tendo obtido criticas unanimes em elogiar a sua obra.

PUBLICIDADE

ESPINGARDARIA DIANA

JOÃO FERREIRA BRAGA

Espingardas dos melhores fabricantes e todos os acessorios.
Representante da maravilhosa espingarda

"ELEPHTAN"

A unica que mata a 100 metros

Escadinhas de Santa Justa, 96 - LISBOA

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.DA

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

JOALHARIA E OURIVESARIA

PRATAS ARTISTICAS

Marianno Costa

245, RUA AUREA, 247

TEL. 2393 C. LISBOA

JAPONIKA

É o melhor e o mais antigo esmalte

Agentes geraes para Portugal, Ilhas e Colonias

Chemical Produces Ltd.

RUA DA MADALENA, 45, 1.º

LISBOA C. 4374

Não se iludam

Usem o conhecido e precioso sabonete **CRÉME CALDAS SANTAS**, de L'AGUIAR, descobridor e ex-concessionario da «Agua Caldas Santas», autor e proprietario de todas as formulas dos productos **CALDAS SANTAS** e **LUCY**. Frizar sempre a palavra **CRÉME** para não confundir com o sabonete **CALDAS SANTAS**, confusão que não se deseja. Á venda em toda a parte.—Deposito geral: BRAZILIAN FLORA, Rocio, 23, 1.º—Telefone Norte **4829**.—Requisitem o livro descritivo scientifico.

PASTA DENTIFRICA **CALDAS SANTAS**

BRISTOL CLUB

O melhor de todos

ESPIRITA

TUDO consegue rápido, faz e desmancha casamentos, resolve todos os negocios, etc.; trata com seriedade. Pelo correio enviar dez escudos; consultas das 10 ás 19 horas.

RUA DO SOL AO RATO, 215, 3.º

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor automovel **O. M.** A melhor ::: marca :::

O unico automovel bom

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

FUNERAES

Dos mais simples aos de maior pompa

Mario Augusto da Silva Milheiro

131, RUA DOS ANJOS, 133

LISBOA

Trasladações para todos os cemiterios, provincia ou estrangeiro. Urnas, armações, corôas, etc.
Funeraes dos hospitaes, morgue e particulares

TELEFONE 1094 N.

PREÇOS REDUZIDOS

Chamadas a toda a hora

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 54:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco. Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Farô, Figueira da Foz Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau; Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA:—Macau.

TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL RESTANTES PAIZES ESTRANGEIRO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA